

OFICINA DE FOTONOVELA

Célia Maria Trevisan Teixeira¹
Edson Bertin Dorneles²
Gisele Bischoff Scherer³
Maria Beatriz Costa Cabral Costa Silva⁴
Sariane da Silva⁵
Silvia da Silva Chiechelski⁶
Silvana Maranzana⁷
Rui Alberto Gonçalves da Silva⁸

RESUMO: A escola Emílio Meyer organizou uma atividade conjunta, alunos e professores, para desenvolver quatro fotonovelas. Esta atividade aconteceu no turno da manhã do sábado letivo, dia 5 de março de 2007, no qual reuniram-se professores de diversas disciplinas e um grupo de alunos para a produção de fotonovelas. Inicialmente,

1 Professora de Português e Literaturas de Língua Portuguesa- Pós-Graduada em Supervisão Escolar_ Trabalha na EMEM. Emílio Meyer e EMEF José Loureiro da Silva.

2 Professor de Pesquisa, Antropologia e Geografia da EMEM Emílio Meyer e Sociologia da Escola Técnica e Colégio de Aplicação.

3 Professora Português e Inglês e respectivas literaturas – Pós-Graduada em Língua Portuguesa. – Trabalha na EMEF Grande Oriente, EMEM Emílio Meyer e Colégio Concórdia de Porto Alegre.

4 Bacharel em Filosofia e pós-graduada em Informática Educativa, professora de informática na EMEM Emílio Meyer

5 Professora licenciada em Pedagogia Anos Iniciais e Formação de Professores pela UNISINOS, especialista em Educação Infantil pela UFRGS e mestranda em Educação na UFRGS. Trabalha na EMEM Emílio Meyer e na EMEF Décio Martins Costa

6 Professora licenciada em Ciências-habilitação Biologia e pós graduada em Supervisão Educacional- Trabalha na EMEM Emílio Meyer e EMEF Martim Aranha.

7 Professora Bacharel em Desenho e Pintura pela UFRGS, Licenciada em Educação Artística de 1º e 2º Graus pela UFRGS e Psicopedagoga pela FEEVALE, Professora de Artes na E.M.E.M. Emílio Meyer e no CMET, Professora do Curso Pos-Graduação em Arteterapia na Feevale, Professora do Curso de Ensino da Arte na Diversidade na Feevale, Professora do Curso de Psicopedagogia na Feevale

8 Professor Bacharel em Sociologia e pós-graduado em História e Filosofia – Trabalha EMEM Emílio Meyer, EMEF Gabriel Obino e Julinho de Porto Alegre.

houve a criação de um roteiro e a produção de quadros, com cenários e personagens, para posterior uso da fotografia como forma da construção das imagens, sendo que, por último, foram utilizados os recursos do “Microsoft Power Point” para a formatação e finalização das histórias criadas.

PALAVRAS CHAVE: fotonovela; trabalho cooperativo, Power Point, fotografia.

É sempre um desafio propor atividades para alunos do noturno para sábado de manhã. O segredo está no planejamento. Conversamos com os alunos sobre a idéia de se fazer uma oficina de fotonovela e explicamos que tudo seria feito pelos alunos e os professores seriam apenas os coordenadores da oficina. Foi uma experiência inovadora para o grupo de professores, já que nunca havíamos realizado algo semelhante. No entanto, estávamos encarando como um desafio que iria ser superado somente se os alunos topassem acordar cedo no sábado e virem à escola. Tivemos uma grata surpresa quando nos deparamos com um bom número de alunos dispostos a experimentar aquela novidade. Havia uma grande expectativa no ar: afinal, que tipo de aula seria aquela?

A professora Gisele tinha pesquisado na internet exemplos de fotonovelas para mostrar aos alunos e alunas, porém tivemos problema com o Data Show. A solução foi levar os alunos ao laboratório de informática para dar início à oficina. No primeiro momento, eles viram duas fotonovelas educativas, ligadas à área da saúde. Logo após, as professoras Célia e Gisele explicaram o embasamento teórico que existe por trás de uma fotonovela. Relacionaram-na ao conto, trazendo as principais marcas lingüísticas da mesma: número reduzido de personagens, tempo e espaço limitado, clímax e final. Uma atenção especial foi dada à linguagem utilizada e sua apresentação. Falaram a respeito do discurso direto e indireto, assim como trouxeram à tona o conhecimento que todos tinham a respeito dos balões utilizados em histórias em quadrinho: formatos diferentes para expressar surpresa, tristeza, pensamentos, falas, etc. A pontuação utilizada nas fotonovelas também ganhou um destaque, já que ela é responsável pela coesão e, conseqüentemente, por garantir a coerência do texto. Foi muito frisado que não podíamos ter nenhum tipo de preconceito, que fotonovela poderia sim ser um gênero literário muito interessante e instrutivo.

Assim, a sorte estava lançada! Pedimos aos alunos para formarem grupos e iniciarem a produção dos roteiros. Cada grupo distribuiu entre os membros as diferentes funções para a produção: diretor, fotógrafo, atores e roteirista. Inicialmente, eles ficaram meio receosos, não sabiam o que fazer, mas logo em seguida começaram a discutir e a debater sobre a história que iriam construir. Os professores Célia, Edson e Gisele circulavam entre os grupos, auxiliando, respondendo dúvidas e dando sugestões.

Em cada grupo havia representantes de diferentes turmas e semestres, o que, sem dúvida, enriqueceu o trabalho. Os diferentes trabalhos tratavam do cotidiano escolar, ao mesmo tempo, que aproveitavam os elementos que cada um dispunha no momento, como a presença de uma das alunas com seu filho, pois não tinha com quem deixá-lo naquele horário. Desta forma, esse grupo tratou dessa dificuldade bastante comum entre as alunas do noturno. E, assim, cada grupo abordou um aspecto vivenciado no dia-a-dia escolar: o aluno desinteressado que atrapalha a aula e é encaminhado pelo professor aos serviços; a aluna mãe que pede permissão à direção para, naquele dia, assistir aula com o filho; havia também a aluna gestante, então o grupo pensou em criar uma fotonovela baseada nas providências a serem tomadas quando esta mãe começa a sentir os primeiros sintomas para dar a luz. Observou-se que os alunos buscaram a vivência diária da escola para fazer as histórias, desde o calor excessivo nas salas de aula, o ventilador que não funcionava ou que não dava conta de refrescar a sala, causando mal estar aos alunos. Foi importante a heterogeneidade dos grupos, em termos de idade; adolescentes, adultos e idosos, assim como a descoberta da fotonovela pelos alunos e professores, gênero esse até desconhecido por alguns.

Feito o roteiro, cada grupo se fez acompanhar por um dos professores, munidos de câmeras digitais, para as diferentes “locações” dentro da escola: sala de aula, sala da direção, corredores. Sob o comando do “diretor”, com a assessoria do professor, os “atores” posicionavam-se para que as fotos fossem tiradas. O texto já estava esquematizado, ou melhor, a idéia já estava pronta, mas precisavam redigir as falas. O grupo agiu como se estivessem preparando um esquete teatral, ensaiando várias vezes as cenas e discutindo quando a representação não estava de acordo com a idéia. Houve um momento de conflito, em um determinado grupo, quando a fotógrafa estava agindo como diretora de cena, até que decidiram trocar os papéis. Houve grande

envolvimento de todos, com muita diversão, pois a colega deveria desmaiar devido ao calor e ela o fazia com muita veracidade, necessitando de um atendimento muito rápido pelos demais, que não conseguiam conter o riso, mas que na foto deveriam estar sérias e preocupadas, então a cena teve que ser repetida várias vezes. A cada cena fotografada todos olhavam como a foto havia ficado e qual atitude deveria ser corrigida e fotografada novamente.

De acordo com Rocha-Trindade (1998:161), *a imagem, fixa ou animada, extraída do real ou produzida por desenho, manual ou eletrônico, é um auxiliar indispensável em qualquer processo de aprendizagem.* A frase dessa autora no livro “Desafios da imagem” é simples e fundamental para pensarmos as dinâmicas das metodologias de sala de aula, ou melhor, fora do ambiente tradicional de aprendizagem. Sabemos que o ser humano consegue enriquecer sua aprendizagem sobre determinada questão que lhe é posta quando é oferecido a ele um maior número diversificado de experiências sensoriais e que lhe garantam situações de auto-reflexão sobre o que deseja saber.

Na realidade, de alguma forma, o aluno deve desejar saber para que ele mesmo impulse seu próprio processo de aprendizagem, sendo que o prazer de fazer instiga o desejo, bem como a ludicidade da montagem fotográfica também pode estimular o desejo de saber-fazer. Nesse sentido, consideramos que a experiência proposta para desenvolver fotonovelas na escola aponta para dois importantes aspectos positivos. O primeiro diz respeito à intencionalidade e disposição dos professores de abrirem mão de suas práticas, muitas vezes, solitárias no ambiente escolar, para proporem uma experiência de trabalho coletivo. Apesar de ter sido realizado um planejamento prévio, a proposta foi também resultado do inusitado nos encaminhamentos das atividades previstas para aquele sábado de manhã, visto que os tempos dos professores, na maioria dos casos, não permitem um trabalho de planejamento mais detalhado e aprofundado, ainda mais de forma coletiva. No entanto, esse fato não invalidou a eficácia do projeto das fotonovelas devido à própria trajetória profissional dos professores envolvidos, a qual lhes garantiu um manejo adequado sem maiores confusões até a finalização da proposta.

Outro aspecto importante no processo de fotografar com a intenção de construir cenas, com certo improviso e com cenários precários no ambiente escolar, é a capacidade de envolvimento e de imaginação criadora dos alunos em transformar as

imagens em algo comunicativo e eficiente. Da mesma forma, é a possibilidade que a pós-montagem das cenas em uma narrativa coerente seja a chance dos participantes de observarem os resultados do que produziram e poderem fazer auto-reflexões, tanto do ponto de vista técnico, quanto de conteúdo.

O aluno, muitas vezes, acostumado a fazer fotos, despreocupado da dimensão técnica, produz imagens com o objetivo apenas de registrar acontecimentos de sua vida no dia-a-dia. No entanto, nessa atividade, foi necessário um cuidado maior com a produção das imagens. Os alunos deveriam prestar atenção para a composição da fotografia, isto é, com a coerência dos elementos da cena, os quais deveriam compor a imagem e torná-la eficaz na comunicação da mensagem discursiva e imaginada através da escrita para passagem do discurso imagético. As técnicas da fotografia são fundamentais para o entendimento do texto imagético. Da mesma forma, é preciso saber enquadrar bem a composição dos elementos da cena para que a narrativa fotográfica seja inteligível para o leitor, assim como o texto escrito. Os alunos tiveram que prestar atenção no ângulo, na perspectiva da foto, aquela que melhor comunicava a intenção da idéia escrita, bem como os cuidados com a luz, com os usos dos planos da foto, desde o mais panorâmico ao mais aproximado, para que pudessem comunicar a intenção fotográfica de forma mais eficiente ao leitor.

Possuir uma máquina fotográfica não significa tirar o melhor proveito dos recursos discursivos que ela possa ter. Hoje em dia, o ato de fotografar tornou-se um fato comum no cotidiano das pessoas e foi, nesta última década, com a invenção da máquina digital e com sua popularização, que a imagem se inseriu em todos os espaços, em todos os ambientes sociais, como uma forma privilegiada para comunicar mensagens. Alguns dizem que estamos bombardeados de imagens e pertencemos a um mundo saturado de imagens como forma de comunicação nas diferentes interações sociais. Apesar de tudo, não podemos perder de vista a riqueza e a beleza que representa uma foto bem tirada, visto que a fotografia é a dualidade entre a técnica e a arte da criação, dois aspectos importantes para serem desenvolvidos nos ambientes escolares para estimular e formar nossos alunos.

Os alunos participantes da oficina apresentavam algum conhecimento para a utilização do programa Microsoft Power Point, pois haviam sido instruídos, em períodos normais de aula, sobre seus recursos e usos. O Power Point é um software que pode ser utilizado para fazer apresentação de trabalhos preparados em “slides”. O

programa admite o uso de texto, imagens, botões de ligação com diversos documentos – textos ou imagens-, endereços de Internet, animações, entre outros, para a produção dos “slides” que permitem a criação de apresentações dinâmicas. Os participantes da oficina foram instruídos para que a execução da tarefa final, a apresentação em Power Point, ocorresse ao final da produção da base de dados que seria utilizada, ou seja, depois que o roteiro, textos e imagens estivessem concluídos.

Inicialmente, foi criada uma pasta eletrônica contendo os dados de cada grupo, com os arquivos a serem utilizados. Depois, iniciou-se a diagramação dos trabalhos, em forma de apresentação, como se fossem fotonovelas, ou seja, uma história contada com fotografias e textos complementares, em forma de “balões” de conversa adicionada às personagens das fotografias, ou textos, com imagens introdutórias às cenas do enredo das histórias. Essa parte foi importante, divertida e contou com a colaboração de todos do grupo, pois eles tinham que utilizar, nesse momento, as orientações das professoras de português, e as frases tinham que fazer sentido com a cena da foto e se tornar interessante para que o leitor se prendesse e ficasse curioso em continuar lendo a história. Houve um entrosamento entre os componentes do grupo e a equipe de professores que estavam colaborando com a fotonovela. Cada vez que um “slide” era montado e passado para o outro, retornávamos para o primeiro slide e iniciávamos a ler tudo para ver se estava correto e se fazia sentido a história que estava sendo construída em conjunto. Foi feita a mesma rotina para cada grupo e, no final do turno de trabalho, foram produzidas quatro fotonovelas que estão disponíveis na página da escola.

O término das fotonovelas funcionou quase como uma catarse. Professores e alunos estavam felizes por terem tido uma aula no sábado de manhã. Havia um clima sereno, uma harmonia e um bem-estar coletivo. Ao invés da reclamação pela perda de horas sagradas de sono, o sorriso pela certeza de ter construído um trabalho de qualidade.

Temos ainda alguns aspectos que queremos levantar: o envolvimento dos alunos foi acontecendo numa crescente. No início ainda não eram um grupo. Foram constituindo-se um grupo à medida que iam pensando na criação da fotonovela. Por isso, o início e o final da atividade proposta foram tão distintos. No início, muito calados e sem saber direito o que ia acontecer, e no final, empolgados com o resultado de suas produções e curiosos acerca da produção dos demais grupos.

O sucesso da atividade pode ser atribuído a dois fatores inter-relacionados:

planejamento e adequação da proposta. Em relação ao planejamento, é necessário sempre estar atento às etapas do trabalho, considerando os objetivos e a metodologia usada para desenvolvê-la. Quando temos objetivos claros com a proposta que lançamos aos alunos, isso fica transparente e acaba “contagando” a todos na efetivação desse planejamento. Quanto à metodologia, também é necessário pensar em alternativas que garantam o envolvimento real dos alunos e alunas, não como meros receptores ou executores de algo que os professores planejaram. Mas como agentes ativos no processo. Como criadores e de produtores de texto. Texto esse que terá outra finalidade que não àquela de sempre: texto corrigido, texto guardado na gaveta. Neste caso foi diferente: texto construído, texto publicado. Como deve ser toda e qualquer produção textual. Afinal, quem escreve apenas para um único leitor?

Esse tipo de proposta de trabalho coletivo entre os professores deveria ser uma rotina no cotidiano escolar, ser considerada com mais relevância, principalmente, a partir do momento em que os próprios professores e demais instâncias educacionais terem como foco o processo de aprendizagem na sua riqueza enquanto fenômeno da cultura humana. Esses trabalhos coletivos não devem ser vistos somente como demandas burocráticas para fins de cumprimentos de normas, muitas vezes, autoritárias. O que me parece é que a normalidade das escolas ainda se restringe àquelas práticas que se desenvolvem no isolamento da ilha da sala de aula e, que os professores, com a falsa sensação de que está tudo bem com a educação em nossos dias, limitam-se a um fazer carregado de uma certa indiferença ou resistência ao novo ou ao diferente com relação a alguma proposta “alternativa” de trabalho. Talvez, quem sabe, devêssemos fazer fotonovelas da condição de ser professor em nossos dias. Muitas experiências maravilhosas seriam narradas, mas muitas contradições e reproduções do que não aprovamos na sociedade em geral viriam à tona.

REFERÊNCIAS:

ROCHA-TRINTADE, Maria Beatriz. Imagens e aprendizagens na Sociologia e na Antropologia. In: Desafios da Imagem. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

ALVES, Nilda. (org.) Espaços e imagens na Escola. Rio de Janeiro